

# Inclusão de um aluno autista em aulas de música numa escola do ensino básico da cidade de Pelotas - RS

**Luana Medina**

Universidade Federal de Pelotas  
luanamedinas@gmail.com

**Andréia Cristina de Souza Lang**

Universidade Federal de Pelotas  
andreiaslang@gmail.com

**Resumo:** O trabalho apresenta o relato de experiência da disciplina de Estágio III realizado por duas estagiárias alunas do curso de Música Licenciatura, sendo idealizado em duas observações e cinco aulas, realizado em uma escola de Ensino Fundamental dos anos iniciais, especificamente uma turma de 3º ano. As aulas de música ocorreram semanalmente com duração de 1h e 20min., com o foco na assimilação de diferentes conteúdos musicais a partir da execução vocal. As aulas foram idealizadas trabalhando o canto, propondo a partir daí atividades musicais com exploração vocal, buscando estimular o convívio musical e a inclusão de um aluno autista que compõem a turma, visando perceber esse resultado a partir da música, através da voz e do próprio corpo. As alunas buscaram estratégias de atividades musicais para a inclusão desse aluno autista em sua turma, sendo analisado que os alunos não viam o aluno autista com um olhar de ser incluído durante suas atividades.

**Palavras-chave:** Educação musical, autismo e inclusão.

## Introdução

Este trabalho objetiva relatar as atividades realizadas no primeiro semestre do ano de 2018 na disciplina de Estágio III. As aulas ocorreram em uma escola do ensino básico, sendo subdivididas em duas observações e cinco práticas. A turma onde aconteceram as aulas foi uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, participando dezoito alunos com média de oito e nove anos de idade. A turma é caracterizada por ser tranquila e receptiva, sendo aberta e participativa nas atividades que lhes eram propostas.

O foco deste trabalho está nas atividades realizadas com o objetivo de inclusão de um aluno autista presente nessa turma. Segundo Beyer (2006),

A educação inclusiva caracteriza-se como um novo princípio educacional, cujo conceito fundamental defende a heterogeneidade na classe escolar, como situação provocadora de interações entre crianças com situações

personais as mais diversas. Além desta interação, muito importante para o fomento das aprendizagens recíprocas, propõe-se e busca-se uma pedagogia que se dilate frente às diferenças do alunado (BEYER, 2006, p. 73).

A partir de diversas experiências vividas pelas estagiárias dentro da universidade, houve uma grande busca e estudos a respeito de inclusão, deixando as alunas mais inteiradas para trabalharem nesse tema, permitindo nas aulas aplicadas neste semestre. O envolvimento com o tema Autismo se tornou o foco de conhecimento e pesquisas para a inclusão e desenvolvimento da criança autista no meio escolar. Foi observado durante as aulas um grande avanço inclusivo junto à turma, em que o aluno autista passou a interagir com os colegas e participar das atividades a partir dos estímulos recebidos durante a realização das atividades musicais.

Sendo assim, o contato da criança autista com a atividade de música precocemente se torna um aliado importante para estimular o seu desenvolvimento pessoal e social (FERREIRA, 2001, p. 76). O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que vem sendo estudado pela ciência há quase seis décadas, mas sobre o qual ainda permanecem, dentro do próprio âmbito da ciência, divergências e grandes questões a responder.

O autista nasce com um transtorno neurobiológico, ou seja, uma alteração no desenvolvimento que faz com que ele tenha dificuldades no relacionamento com as pessoas e com o ambiente onde vive. Ele precisa, assim, de ajuda para se desenvolver e superar suas limitações. Segundo Afonso (2013):

A música pode contribuir para diminuir estes comprometidos no autista possibilitando o desenvolvimento de potenciais e restabelecendo funções para que ele possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, em consequência uma melhor qualidade de vida (AFONSO, 2013, p. 1396).

Percebemos que ao longo dos encontros com a turma, juntamente com a criança autista identificada como A (como um meio de proteção), houve um considerável progresso em relação ao seu estágio inicial musical e social, percebendo-se que a turma se tornou mais sensíveis a interação da criança autista durante as aulas de música.

O aluno A não era acompanhada por um monitor, por isso, as estagiárias se dividiram durante as aulas como monitoras, estimulando o aluno a participar dos jogos musicais

propostos, percebendo assim um avanço de inclusão e desenvolvimento da criança ao longo das aulas.

## Inclusão e o Autismo

No século XX iniciou-se a criação de legislações que instituem a inclusão e a promoção de igualdade entre todos os alunos dentro de salas de aula do ensino regular.

Na década de 1990, defensores dos direitos dos deficientes fizeram lobby para estender essas mesmas leis para as pessoas com deficiência, o que ocorreu com efeitos positivos sobre as ações da sociedade, das escolas, dos professores e dos alunos com a condução para um movimento de inclusão em que, aos indivíduos com deficiência, foram oferecidos maiores direitos e integração na sociedade (FINK, 2016, p. 25).

Alguns dos marcos mais importantes na criação dessas legislações podem ser destacados nos anos:

1981 - Declaração de Sundberg

1994 - Declaração de Salamanca e Linha de ação

2000 - Declaração Mundial de Educação para Todos nas Américas

2015 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência

A última, que se aplica em nosso país atualmente, é “destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (FINK, 2016 p. 25).

Em relação ao autista em específico, a LEI Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 expõe os direitos de inclusão, ensino e aprendizagem da criança autista na escola básica, sendo criada no ano de 2012, promoveu a necessidade de inclusão e acesso do autista no ensino e aprendizagem comum.

O TEA – Transtorno do Espectro do Autismo se caracteriza no comprometimento de três áreas específicas do indivíduo: imaginação (incapacidade de lidar com jogos simbólicos), socialização (padrão de comportamento restritivo e repetitivo) e comunicação (ineficiência no

domínio da linguagem), constituindo a chamada Tríade de Wing (LOURO, 2014, p. 344; SAMPAIO e FREITAS, 2011, p. 164).

O déficit de três áreas da cognição é identificado com a Interação social, a comunicação, gerando déficit na linguagem e na comunicação verbal e não verbal; e o comportamento, a presença de comportamentos repetitivos, estereotípias e interesses restritos. O TEA faz parte dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) que é classificado como Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma síndrome comportamental que se divide em três sintomas principais:

O Autismo tem causas múltiplas e se apresenta em graus variáveis, por isso a denominação Transtornos do Espectro Autista (TEA). Em 2013, através do DSM V (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais), a classificação no TEA foi dividida em três graus: leve, moderado e severo (APA, 2013).

A partir dos 2 anos de idade a criança começa a apresentar características do autismo, como alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança, podendo ser diagnosticada a partir dos 3 anos de idade. Em casos raros pode ocorrer depois dos dois anos de idades, mas geralmente antes do terceiro ano de vida (OZONNOFF, ROGERS e HENDREN, 2003).

Destaca-se que no período entre dois e cinco anos as alterações do comportamento autista tendem a tornar-se mais óbvias, utilizam um discurso repetitivo, ecolalia ou não usam pronomes com propriedade (TELMO, 2006, p. 3). A descoberta precoce do distúrbio é positiva no auxílio para o desenvolvimento da criança enquanto seu período de desenvolvimento.

Por sua vez, as dificuldades “na interação social podem se manifestar com o isolamento ou comportamento social impróprio; pobre contato visual; dificuldade em participar de atividades em grupo; indiferença afetiva ou demonstrações inapropriadas de afeto; falta de empatia social ou emocional” (GADIA, 2004, p. 84).

A criança presente nas aulas de estágio se caracteriza por ser não verbal, necessitando de um monitor para auxiliar na sua interação e socialização. Assim, Fink cita que,

[...] para um avanço das propostas pedagógicas, as políticas oficiais que defendem a integração dos alunos com deficiências na escola básica, embasadas pelos discursos de igualdade de condições e oportunidades,

identidade com os demais alunos e pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural, devem focar, também, as questões de formação dos profissionais envolvidos (FINK, 2016, p. 24).

O contato prévio das estagiárias com o autismo, bem como a vivência no aprendizado com a criança autista, abriu um leque de informações sobre a importância da inclusão e estímulos, somando assim para o desenvolvimento integral da criança através da educação musical. E é perceptível que “A importância das artes na escola, no caso da música, é que ela é o único lugar em que o sensível e o cognitivo são absolutamente a mesma coisa” FAVARETTO, (2012, p.62).

O aluno A participou a partir da segunda aula, sem acompanhamento de um monitor para auxiliar na inclusão da criança durante a aula. E como a aula estava sendo ministrada por duas alunas, uma delas ministrou a aula na maior parte do tempo como monitora da criança autista, proporcionando assim uma ponte para a interação da criança durante as atividades propostas.

A presença do aluno A veio a somar para o aprendizado e sensibilidade sobre inclusão e ensino aprendizagem musical durante o período do estágio, pois o Autismo se caracteriza pela dificuldade de interação da criança com seus colegas.

## **Observações e Práticas**

Durante as observações não houve contato com o aluno autista, pois o mesmo não participou de nenhuma das aulas observadas. Apenas o que se sabia é que ele viria em algumas aulas e não participaria o tempo todo.

Na primeira aula aplicada para a turma foi possível conhecê-los de perto, bem como suas características e particularidades. Somente na segunda aula foi possível o primeiro contato com o aluno A. Ele estava sentado no fundo da sala, olhando para a frente com um sorriso leve e cativante, deixando transparecer contentamento por estar junto com seus colegas. Durante a aula foi realizado um aquecimento vocal, utilizado para estimular o trabalho vocal com os alunos, sendo trabalhadas a conscientização da utilização do aparelho fonador e respiratório para facilitar a qualidade e projeção vocal. Agregando também ao canto

prevenção de problemas vocais (Nódulos na prega vocal, Rouquidão e etc.), proporcionando bem-estar ao corpo. Sobre esses cuidados RENNÓ (1990) destaca que,

A maquinaria responsável pelo Canto é composta por um fole, que são o diafragma e pulmões; um tubo, que é a laringe; duas palhetas, as pregas vocais; possui também uma caixa de ressonância: faringe, fossas nasais e boca (RENNÓ, 1990, p. 19).

O aquecimento vocal proporciona a preparação do corpo e da voz para ser utilizada de forma plena, conduzindo o corpo à um treinamento dos músculos (principalmente os músculos do abdômen) para aperfeiçoar a técnica, bem como cantar com qualidade e projeção.

Durante a realização dos aquecimentos, a estagiária se dirigiu até o aluno A e o convidou para participar da aula, onde ele receoso e mais fechado por sua dificuldade de comunicação, fez alguns gestos com timidez. Durante as atividades realizadas na aula, ele sempre era estimulado a interagir e participar juntamente com seus colegas.

O autista apresenta dificuldade de interação por estar sempre em mundo paralelo, necessitando de estímulos ou objetos atraentes (coloridos, com textura diferente, giratórios e etc.) para ser envolvido nas atividades externas. O aluno A possui um gosto particular por massinhas de modelar.

[...] a pessoa com autismo passa a ter uma relação singular com tudo que é externo. Fixa-se em rotinas que trazem segurança, não interage normalmente com pessoas, inclusive com os pais, nem manuseia objetos adequadamente, gerando problemas na cognição, com reflexos na fala, na escrita e em outras áreas. Aprende de forma singular. Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre geram conhecimento (CUNHA, 2013, p. 28).

Ao início, os colegas ficaram pouco sensíveis ante a participação do aluno, alegando que ele tinha alguns problemas e não conseguia interagir e nem falar. Isso ficou claro quando no momento das apresentações cada criança dizia seu nome, porém, quando foi perguntado para o aluno A, quase todas as crianças da turma responderam por ele. Porém, a turma foi advertida para que deixassem com que o aluno A verbalizasse seu nome, e com esse

questionamento ele respondeu de forma natural e tranquila, deixando claro para a turma que ele entende e pode interagir junto nas atividades.

Essa resposta verbal do aluno A fortaleceu ainda mais a vontade e o empenho de sua inclusão nas atividades, pois um dos déficits do autista é a fala. E assim, a partir conhecimento básico sobre as dificuldades do autista que as estagiárias possuem, foi possível analisar, perceber e estimular a criança autista durante as aulas.

A partir disso, buscou-se estimular o aluno a participar das atividades utilizando estratégias para a sua inclusão, sendo uma delas convidá-lo a ficar na parte da frente para cantar juntamente com a turma, pois a criança sempre senta na última cadeira da sala. Também pode-se criar uma forma de demonstrar aos colegas que é possível o aprendizado e a interação da criança junto à turma, onde ele também era capaz de realizar as atividades do seu jeito, porém dentro do grupo, minimizando assim olhares diferentes pré-estabelecidos por eles.

Outra atividade realizada foi a entoação da música “Faça Uma Careta” de Ana Yara Campos (1988). Nessa música, os alunos precisam fazer alguns gestos para reproduzir a canção. Esses gestos chamaram a atenção do aluno A, que começou a participar das atividades, realizando pequenos gestos propostos na canção a partir da sua percepção, onde conseguia também verbalizar alguns trechos, cantando pequenas partes da canção juntamente com os colegas, sendo um dos momentos de participação e interação da criança com a turma, somando para o seu desenvolvimento tanto musical quanto social.

A partir da exposição da criança ao universo sonoro, foi possível estimular a expressão de corpo através de movimentos junto ao estímulo do canto apresentado na canção. Sendo assim, VICTÓRIO (2011) confirma que,

Na educação Musical, o estímulo à pesquisa sonora vinculada ao contexto afetivo do indivíduo, visa à ampliação do universo sonoro, considerando as possibilidades instrumentais, corporais e vocais. Posto que o tocar e o ouvir um instrumento, bem como a voz que fala, canta, imita, inventa, movimentase no corpo e no ambiente, são elementos de aprendizagem, criação, invenção e ação que motivam e ativam a expressão, favorecendo as relações em seus diversos níveis (VICTÓRIO, 2011, p. 33).

Ao realizar os movimentos estipulados na canção, a criança se fez parte do grupo participante da atividade, abrindo assim caminhos e oportunidades de aproximação com seus colegas. E isso se tornou possível graças à aprendizagem proporcionada a partir da educação musical.

Em uma das aulas, durante as atividades aplicadas com a turma, o aluno A começou a rastejar debaixo das cadeiras e carteiras. Ao ser abordado por uma das estagiárias a respeito do motivo de estar se arrastando, ele disse que estava cansado, e em seguida ficou sentado na janela da sala admirando as crianças jogando bola.

Ao rastejar pelo chão da sala, é possível assimilar a ideia de estereotipia (padrões de comportamento repetitivos), comportamento onde a criança se sente feliz, triste ou com algum sentimento incontrolável e se expressa de diferentes formas como pulando, correndo, gritando, etc., devido a sua dificuldade de processar e demonstrar emoções.

O aluno passava algumas aulas manuseando uma massinha, apresentando o interesse por objetos com consistências diferentes. Em uma dessas aulas, foi convidado a realizar os alongamentos corporais, os quais realizou com a ajuda da estagiária. A partir deste convite, ele verbalizou algumas palavras e, em um dos momentos do aquecimento, como um meio de estimular os movimentos faciais, ele pediu para mandar um beijo para a massinha que estava mexendo, mostrando assim que ele estava atento a aula e se sentia parte dela.

Foi entoada uma canção com estrutura cânone chamada “Dim, Dim, Dom”, a qual foi gravada em vídeo para se observar o desempenho dos alunos ao final da aula. Quando o vídeo da turma foi apresentado para todos, o aluno A se aproximou e questionou sua participação, pois ele não havia participado da atividade e por isso não aparecia no vídeo. Então ele pediu para ser gravado e cantar junto com a turma, cantando e fazendo os gestos propostos na música, destacando que por mais que ele não executasse a canção antes, e tivesse ficado andando pela sala, conseguira entender o conteúdo e aprender a canção e seus gestos. Foi possível ainda perceber que ele possui um gosto por vídeos, pedindo que o gravassem várias vezes para assistir.

Já nas últimas aulas, pode ser percebido cada vez maior interação do aluno não apenas com a turma como também com as estagiárias. Na quarta aula, o aluno A se mostrou empolgado com a aula, brincando de se esconder com uma das estagiárias, e, em seguida,

quando foi convidado, deu um abraço em cada uma, meio encabulado, mas já mostrando maior interação.

Ao ser utilizado um vídeo do youtube para expor uma canção com onomatopeias, o aluno demonstrou um grande interesse, parando na frente do notebook e assistindo vidrado até o vídeo acabar. O interesse do aluno se deu no desenho colorido apresentado junto à canção, que prendeu sua atenção.

A atividade proposta para essa aula era que os alunos, a partir de imagens com onomatopeias, criassem uma composição musical utilizando sentimentos diferentes em cada uma das composições. Para a realização dessa atividade, os alunos foram divididos em quatro grupos de quatro alunos, e o aluno A foi convidado a participar.

De início ele ficou um pouco retraído e quis ficar sentado em seu lugar. Um dos grupos estava reunido perto da classe dele, e ele ficou incomodado com isso tirando a classe para o lado. Uma das estagiárias sugeriu ao grupo que convidasse o aluno A para participar da atividade juntamente com eles, e então sentou-se ao lado do aluno e o convidou para realizar a atividade juntamente com ela. Utilizando as imagens que os outros alunos possuíam, foi explicado a ele o que deveria ser feito e lido cada um dos sons explicando a ele os seus significados. A cada som que era lido, o aluno reproduzia logo após a estagiária, sendo que um dos sons que mais o chamou atenção foi o “Gooool” pois do lado de fora da sala haviam crianças na educação física jogando futebol, e ele gostava de ficar observando as crianças do lado de fora.

Nessa hora, o grupo que estava se arrumando chamou dizendo: “Professora, guardamos um lugar para o aluno A aqui!”, e, quando ele foi convidado a sentar junto com os colegas, demonstrou grande alegria e logo quis levar sua classe toda para junto do grupo, o que foi feito pela estagiária para facilitar o deslocamento. Então, foi direcionado ao grupo que selecionasse uma palavra para que o aluno A fosse responsável, e, ao ser perguntado a ele qual das palavras ele tinha gostado mais, ele escolheu “Gooool”, porém, antes de poder realizar a atividade sua mãe chegou e ele precisou ir embora.

O gesto do grupo em incluir o aluno A durante a apresentação foi um dos momentos marcantes do estágio, pois foi possível perceber a mudança de postura da turma de acordo

com a primeira aula para a quarta aula. Essa percepção foi possível graças ao incentivo e insistência em estimular também a turma a entender a dificuldade de uma criança autista.

A última aula aplicada com a turma foi de uma proposta de familiarização com o timbre, um dos parâmetros do som. A aula foi realizada em círculo, sendo proposto aos alunos que escolhessem uma vogal e andassem pela sala cantando ela até encontrar os colegas que estavam cantando a mesma vogal e formarem grupos.

O aluno A demonstrou euforia ao participar da atividade, surpreendendo as estagiárias, pois ele andou junto com os colegas e falou uma vogal. Quando os grupos se encontravam, o aluno A expressou sua vontade em unir com o grupo da sua vogal, pois ele estava parado no centro da sala olhando para o grupo. Ao lhe ser perguntado qual era sua vogal, sendo respondido por ele com um dedo apontado para um dos grupos que havia sido formado, onde o mesmo alegou que “eles não estão me deixando entrar na roda”, buscando a inserção no grupo, pois os alunos estavam de mãos dadas e haviam fechado a roda.

Esse gesto espontâneo do aluno A apresentou um momento importante na aula, pois ele interagiu e espelhou os estímulos recebidos nas aulas anteriores, resultando em um esforço de desenvolvimento e inclusão da criança durante a aula de música, e expressando o desejo de participar junto com os colegas das atividades propostas.

Em seguida foi proposto aos alunos para fecharem os olhos, pois seria escolhido um dos alunos para cantar uma vogal e pedir que outro aluno descobrisse quem é que está cantando. E isso foi realizado algumas vezes, com o propósito de que todos os alunos tivessem a oportunidade de participar da atividade. E assim, a turma foi orientada a falar a vogal quando a estagiária tocasse no seu ombro, e os alunos iriam levantar as mãos para responder se soubessem.

Na primeira vez em que foi pedido o aluno A para repetir uma vogal, ele iniciou um pouco tímido. Uma das estagiárias disse a ele em seu ouvido para ele dizer uma vogal e ele prontamente disse em voz alta “vogal”, mostrando outras características do autista que é entender tudo que lhe é proposto ao pé da letra. Ao ser convidado a participar, ele começou a ficar muito animado com a proposta, e a repetir a vogal dita por seus colegas, não atentando para a orientação do toque no ombro para dizer a vogal. E assim, muitas vezes até falam corretamente, mas demonstram problemas na interação social, nos interesses, utilizam um

discurso repetitivo, ecolalia ou não usam pronomes com propriedade (TELMO, 2006, p. 3). E assim, as estagiárias aproveitaram a oportunidade para estimular a fala da criança, permitindo que ele repetisse a vogal junto com seus colegas.

A partir da dificuldade da criança autista presente na aula, foi possível observar que cada criança apresenta uma dificuldade, necessitando de diferentes estímulos para o desenvolvimento integral escolar, sendo um deles a integração com o grupo escolar na qual é pertencente.

A interação do aluno A só foi possível durante as atividades musicais devido a interação das estagiárias com o tema Autismo, pois sem conhecer as diferentes características que essa criança apresenta, não é possível perceber seu mundo, bem como sua dificuldade de expressá-lo buscando ser aceito e inserido em seu meio.

## Conclusões

Ao início, quando conhecemos a turma, percebemos a rejeição e olhar de desprezo de quase todas as crianças para o aluno A, sendo idealizado a partir da falta de entendimento dos comportamentos de um autista, como também a falta de orientação dos responsáveis sobre as dificuldades de interação dessa criança.

E a partir das cinco aulas realizadas com a presença e inclusão do aluno autista A, foi possível perceber na prática a necessidade de buscar conhecer como é a visão de mundo dessa criança e de abordar conteúdos que abram caminhos para a inserção do autista no mundo de outras crianças, visto que cada um de nós enxergamos um mundo sob um olhar diferente.

Ao final das aulas, pode ser percebido um comportamento de aproximação e companheirismo entre o aluno A e a turma, que não foi apresentado na primeira aula ministrada, podendo-se que a conscientização inicial da inclusão foi inserida na turma, sendo esse um trabalho um contínuo até que se possa efetivar esta inclusão.

Dos momentos que podemos destacar, um deles foi durante a quarta aula, onde as crianças fizeram um trabalho em grupo, incluindo o aluno A na atividade musical proposta. O segundo, foi durante a última aula onde o aluno pediu para participar da atividade junto com o grupo, mostrando interesse em interagir.

O trabalho ainda é inicial e cinco aulas não são o suficiente para um trabalho consistente, que é o objetivo da inclusão, muito se precisa até alcançar a inclusão efetiva deste aluno dentro de sala de aula, porém foi possível ver uma diferença grande entre a primeira e a última aulas, mostrando que todo e qualquer estímulo é importante e necessário para que a inclusão possa vir a acontecer.

## Referências

AFONSO, Lucyanne de Melo. *Música e Autismo: práticas musicais e desenvolvimento sonoro musical de uma criança autista de 5 anos*. In: XXI Congresso Nacional da Associação, 2013.

BEYER, Hugo Otto. *Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas*. In: BAPTISTA, Claudio Roberto. *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73-81.

Brasileira de Educação Musical. Pirenópolis. *Anais*. Pirenópolis: ABEM, p.1396- 1405, novembro, 2013.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; e PALÁCIOS, Jesús. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. (Trad.) Fátima Murad – 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CUNHA, Eugênio. *Autismo na Escola*. RJ: Wak, 2013.

FAVARETTO, Celso. *Música na escola: porque estudar música?* In: *A Música na escola*, São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012, p. 46-48.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FINCK, Regina. *Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música*. REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p23-35. Jan.Jun. 2016

Faça uma careta. Técnica vocal. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=XgY4-PYu\\_ek](https://www.youtube.com/watch?v=XgY4-PYu_ek)>. Acesso em 06 de junho de 2018.

FINCK, Regina. *Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música*. REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p23-35. Jan.Jun. 2016.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. *Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento*. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. *Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista*. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm)>. Acesso em: 29 de junho de 2018.

LOURO, Viviane. Autismo, Música e Teoria da Mente. *Anais. SIMCAM X*, Campinas, 2014, p. 343 - 350.

OZONOFF, S., ROGERS, S. e HENDREN, R. *Perturbações do Espectro do Autismo. Perspectivas da Investigação Actual*. Lisboa: Climepsi Editores, 2003.

RENNÓ, Adelina M. *Escola do Desvendar da voz: um caminho de desenvolvimento através do canto*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1990.

TELMO, Isabel Cottinelli. *Formautismo, Manual de formação em autismo para professores e famílias*. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/LIVRO-DE-FORMA%C3%87%C3%83O-AUTISMO.pdf>>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

VICTÓRIO, Márcia. *O bê-a-bá do dó-ré-mi: reflexões e práticas sobre educação musical nas escolas de ensino básico*. Rio de Janeiro, Wak, 2011.